

RUA REGENTE FEIJÓ

Designada em 03-06-1871

Proposta apresentada em 03-06-1871 à Câmara pelo edil Dr. Ricardo Gumbleton Daunt

Formada pela rua da Matriz Nova

Início na rua Proença

Término na rua Delfino Cintra

Centro

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Nasceu Diogo Antonio Feijó em São Paulo, onde foi batizado a 17-08-1784 e faleceu na mesma cidade, em 10-11-1843. Íntegro, honesto, cumpridor de palavra, democrata na verdadeira acepção do termo, Feijó foi o consolidador da ordem e do regime durante o conturbado período da regência imperial, constituindo-se num dos maiores vultos da nacionalidade, e que manteve importante participação na vida de Campinas. Encontrado à porta da casa do padre Fernando Lopes de Camargo, sem conhecer a identidade de seus pais, o nome "Feijó", foi-lhe dado por uma mulher, por alguns considerada sua tia, que o fôra buscar de seu marido, o português Miguel Feijó, já falecido, e que não poderia protestar. Sua infancia foi triste, jogado de cidade em cidade, ameaçado sempre pela pobreza, recolhido às escondidas por parentes que vacilavam entre a vergonha e o dever do sangue. Por suas obscuras origens, sua única opção foi a igreja, e aos 17 anos já era "Clerigo in minoribus", vindo para Campinas, onde manteve "escola de ler, escrever e contar" e latimidade, constituindo-se no primeiro "mestre-escola" da Vila de São Carlos. Segundo Lourenço Filho, Feijó deveria ganhar pouco, o que fez com que os vereadores locais representassem ao Governador da Capitania, pedindo a nomeação do Padre Feijó para "Mestre Régio" documento que não mereceu nenhuma atenção do poder público. Viajando para Itú, ali conheceu o padre Jesuino do Monte Carmelo e fascinado pelas suas idéias revolucionárias, quer políticas como religiosas, resolveu transferir sua residência para aquela cidade. Deixou a Vila de São Carlos, onde também rezava missa na Matriz Velha, e na cidade de Itú participou da "Comunidade Reformista do Patrocinio", estudou filosofia e passou a dirigir um internato. Em 1821, segue para Lisboa, como deputado por São Paulo, e com desassombro prega a independência do Brasil, o que provoca uma agitação em Portugal, contra os brasileiros separatistas, forçando-o, juntamente com outros colegas, a se refugiarem, em 1822, em Falmouth, Inglaterra, onde publicam um manifesto explicando a situação do Brasil

Após a proclamação de Independência, retorna ao Brasil. Em 1824, quando Pedro I apresenta o projeto da Constituição do Império, concitando às Câmaras Municipais a um pronunciamento, Feijó induz a Câmara de Itú a romper a unanimidade da aceitação do projeto, propondo emendas abolindo condecorações, realização de eleições diretas, etc. Deputado por São Paulo, em 1826, no ano seguinte, propõe a abolição do celibato clerical, que suscita violentos debates, e da qual se retrataria mais tarde. A 04-06-1831, com desordens por todo o país, assume o Ministério da Justiça, dissolvendo de imediato corporações militares indisciplinadas, rebelião na ilha das Cobras e outros movimentos rebeldes. No início da sessão legislativa, pede ao Congresso energias e drásticas medidas em defesa da ordem; suspende as garantias civis no Rio Grande do Sul em pé de guerra; protege a imigração e colonização estrangeira, para substituir o trabalho escravo, que sempre combateu; preocupou-se em regulamentar a instrução primária; reorganizou o serviço de alfândegas; solicitou ao Senado a destituição de José Bonifácio do cargo de tutor dos príncipes, e, não sendo atendido, demite-se do Ministério. Recolhe-se para São Paulo, quando é surpreendido com sua eleição para Senador pelo Rio de Janeiro, em 1833. A 12-10-1835, por esmagadora maioria, é eleito regente do Império. O país atravessava um período de grandes dissensões políticas. Convencido de que sua permanência na Regência não removeria os males públicos "pela falta de leis apropriadas e por se achar gravemente enfermo, em 19-09-1837, dirige um manifesto ao povo, e entrega o poder a Pedro de Araújo Lima. Em 1839, preside o Senado. Enfermo, enfraquecido pela idade e moléstia que minava seu organismo, recolhe-se à Campinas, onde pretendia descansar. Com uma hemiplegia do lado esquerdo e paralisia das duas pernas, tem conhecimento em 1842, da revolução estalada em Sorocaba e da chefia do governo provisório entregue a Rafael Tobias de Aguiar. Com sacrifícios incriveis, viaja para Sorocaba, onde com os líderes da Revolução Liberal, publica "O Paulista", jornal que fundou como órgão do novo governo. Caxias à frente das tropas do governo prende-o em Sorocaba, sendo Feijó transportado para Itú, depois levado para Santos, para o Rio e para Vitória, onde ficou seis no desterro. Autorizado a regressar ao Senado, em 15-05-1843 apresentou sua defesa, de modo brilhante, defendendo os direitos dos cidadãos de combater à mão armada, as transgressões da Constituição. Foi seu último gesto político.

RUA REGENTE FEIJÓ

(Designada em 03-junho-1871)



RUA DA MATRIZ NOVA -

Por passar em frente a Matriz
de N. S. da Conceição (Catedral).

Nome atual: Rua Regente Feijó.

(Extraído do artigo "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças
Existentes em 1848", inserido às fls. 8 do 2º Caderno
da edição especial do jornal "Correio Popular" de Cam
pinas, de 14-julho-1974 - Edição comemorativa do Bi-Cen
tenário de Campinas)

anpv/08/1983

RUA REGENTE FEIJÓ



Diogo Antonio Feijó



Feijó

NO dia 10 de novembro de 1843 falecia na capital paulista, onde nascera a 3 de agosto de 1784, o padre Diogo Antonio Feijó, estadista do Imperio. Recebeu ordens de presbitero em 1807. Deputado no Parlamento de Lisboa, pregou a separação do Brasil de Portugal, o que motivou a sua perseguição. Eleito deputado pela provincia de São Paulo, em 1826, propôs a abolição do celibato clerical, do que se retratou posteriormente. Foi ministro da Justiça em 1831, senador pela provincia do Rio de Janeiro em 1833 e, a 11 de novembro de 1825, foi eleito bispo de Mariana, não aceitando, porem, esse cargo. A 14 de novembro daquele ano, assumia o cargo de regente do Imperio, que abandonou a 18 de setembro de 1837. Participou da revolta liberal de Sorocaba, o que lhe valeu alguns dias na prisão. Desterrado para o Espirito Santo, em 1842, ali permaneceu durante seis anos, para voltar depois ao Senado, onde mais tarde respondeu a um processo de conspiração, de que saiu vitorioso. Batalhou pela reorganização do Exercito, protegeu a colonização estrangeira e regulamentou a instrução primeira na Corte. Deixou diversas obras, dentre as quais: "Logica das Nações", "Preliminares de Filosofia" e a rumorosa "Demonstração da Abolição do Celibato Clerical".



BENEMERITOS DE CAMPINAS

PADRE DIOGO FEIJÓ-

Entre os representantes maximos da nossa raça e da nossa gente destaca-se o nome do padre Diogo Feijó, paulista intrepido, que residiu em Campinas. Foi deputado á Constituinte portuguesa, deputado geral e ministro da Justiça em 1831 e Regente do Imperio, Era grande adversario do celibato clerical, assunto que, juntamente com Manoel Joaquim Gurgel do Amaral, que foi deputado provincial, discutiu renhidamente com o arcebispo da Bahia. Em 1834 o Conselho Geral enviou uma representação no mesmo sentido.

Em 1842, quando se verificou em Sorocaba, a revolução Liberal, chefiada por Brigadeiro Tobias, Diogo Feijó deu inteiro apoio ao movimento, apesar de estar com a saude combalida e atacado de paralisia. Tinha tal influencia, que mesmo prisioneiro e dominado pela molestia, o presidente da Provincia pedia ao Governo Geral sua retirada da capital, em beneficio da Ordem Publica.

AM



DIOGO ANTONIO FEIJÓ

por José Machado da Silva Filho

Seria ocioso dizer que a figura simpática de Diogo Antonio Feijó permite longa e séria dissertação, se pretendessemos descrever a sua vida com todos os merenores que merecem destacados, o que se tornaria impossível em um artigo. Vares, portanto, tentar resumir o volumoso da matéria no estilo telegráfico em que está redigido este artigo, e ver se conseguimos narrar os fatos principais relacionados com tão dinâmico quanto ilustre paulista.

Filho, ao que parece de d. Maria Gertrudes de Camargo, e o official sirgheiro Félix Antonio Feijó, nasceu ôle em 1784, em São Paulo. A rua da Freira, hoje Senador Feijó, esquina do Largo São Francisco, tendo sido batizado a 17/3/1784. Aos 16 anos estudava retórica com o professor régio Estenislau José de Oliveira. Aos 25 recebeu as ordens sacerdotais e celebrou a sua primeira missa.

Uma vez padre, deixou a cidade de São Paulo, tendo estado em Gueratinguetá, Parnaíba e Campinas, onde lecionou frances, latin, retórica e geografia, usando compêndios de latin (gramática) e retórica de sua lavra. Segundo a "Necrologia do Senador Diogo Antonio Feijó", publicada pelo Dr. A. J. de Melo Moraes, Feijó escreveu a gramática latina desda antes de 1807 e compilou o texto de retórica entre 1810 e 1818.

De Campinas se dirigiu para Itú.

Diretor de um internato nessa cidade, já dava mostras de sua inquebrantável energia, rebelando-se contra as autoridades do governo, em virtude de atrazo no comparecimento a uma festa de distribuição de prêmios, tendo aberto a sessão sem a presença de tais autoridades. De feito era homem valente: — "Qu nada digo, ou somente digo o que sinto. Não tenho duas caras. Venço pela força moral, e sendo preciso pelo emprego de armas." E mostrava os pulsos de aço.

Deu sobejas provas dessa virilidade, quando em 1821, foi para Lisboa como deputado por São Paulo, pois teve a ousadia de falar na independência do Brasil em pelo congresso português. Retira-se para o Brasil em 1822, após a proclamada a sua independência, e apresenta à Câmara, em sessão de 10/10/1823, um projeto abolindo o celibato clerical, projeto esse que suscitou violentas debates.

Evaristo da Veiga, referindo-se a Feijó, dizia aos amigos: "É homem de pulso e resolução. Vocês hão de ver: o governo precisará d'êle".

Os partidários de D. Pedro, que não concordavam com a abdicção deste, aticevam e desordem por toda a parte. Era essa a situação, quando Feijó recebeu o convite para Ministro da Justiça. Nomeado para tal cargo em 4/6/1831, dissolveu imediatamente os corpos militares indisciplinados. A revolta dos presos e soldados da fortaleza de Ilha das Cobras e de "Vellozsignon" veio confirmar que era resoluto. Logo que soube da revolta, mandou chamar a Lima e Silva e ordenou:

— "Senhor Major, vá dar combate aos rebeldes."

— "E que ordena Senhor Ministro?"

— "Leve tudo a ferro e fogo."

CMW



Feijó era homem de palavra. Tendo pedido a destituição de José Bonifácio do cargo de tutor afirmou: "Ou José Bonifácio deixa a tutoria ou eu deixo o ministério"; Havendo o Senado resolvido que José Bonifácio continuasse como tutor do príncipe regente, Feijó, vencido cumpriu a palavra, sossego de sua chácara em São Paulo.

Aí é surpreendido com a sua eleição para Senador pelo "Rio de Janeiro". Em 24/9/1834 com o falecimento de D. Pedro I, é decretado o ato adicional, pelo qual a regência deixou de ser trina, para ser exercida por um só homem. Promovida a eleição, triunfa Feijó, que derrota a Holanda Cavalcante e José de C. Carvalho.

No congresso os animos estavam cada vez mais exaltados; a questão da Santa Sé, a revolução do Pará e a luta civil do Rio Grande, traziam também grandes dificuldades ao governo. Apaziguado o Pará, rebenta a revolução em Sergipe.

Convencido de que a sua permanência na Regência não podia remover os males públicos "pela falta de leis apropriadas e por se achar gravemente enfermo", resolve Feijó entregar o poder a Pedro de Araújo Lima.

Enfraquecido pela idade, e moléstia que minava o seu organismo, recolheu-se a Campinas, onde pretendia repousar de tão atribulada existência.

Em 1842 porém, estalando uma revolução em Sorocaba, chefiada por Rafael Tobias de Aguiar, Feijó depois de viajar tres dias, amparado em muletas, foi levar o seu apoio à revolução.

Com a aproximação de Lima e Silva, mandado pelo governo para sufocar a revolta, começa a debandada, porém Feijó, ficou em Sorocaba esperando Caxias.

— "Que ordens traz, senhor Barão?"

— "As mesmas que recebi do Ministro de Justiça de 31; levar tudo a ferro e a fogo". (O Ministro a quem se referia era o próprio Feijó).

— "Com que então..."

— "V. Excia. está preso. Só o dever militar me obriga a praticar este ato".

Foi transportado para o Rio e daí para Vitória, em Espírito Santo. De volta ao Rio, pronunciou um discurso em sua defesa: Foi, entretanto considerado como o esboço da revolta pela comissão do Senado encarregada de examinar o processo.

A 10 de Novembro de 1843 falecia em São Paulo, o grande brasileiro.

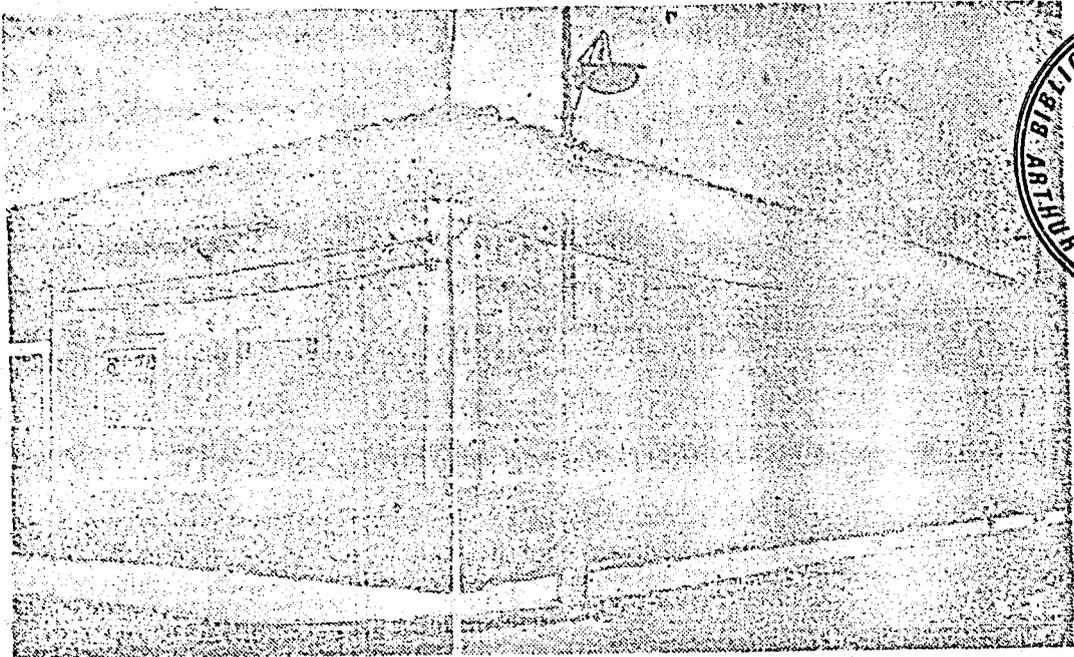
x x x

Campinas tributou homenagem a esse ilustre paulista, pois, além do nome a uma de suas ruas (Regente Feijó) é digna de se fazer menção a prestada pelo Centro de Ciências Letras e Artes, em 1913, por iniciativa de seu Vice-Presidente dr. Tito Joaquim de Lemos, com a colocação de uma placa de bronze na casa onde residiu Feijó, localizada a rua que tem o seu nome ~~xxxxx~~, atual prédio n. n.1201.

A placa a que nos referimos tem os seguintes dizeres: "Nesta casa residiu o Regente Feijó, nascido em 1784 e falecido em 1843, homenagem do Centro de Ciências Letras e Artes — XXI — V — MCMXIII.

A casa em que esteve preso Feijó, em Itú ANPM 4130.8

O derradeiro e dramático episódio da vida do irrequeto sacerdote na cidade de Sorocaba — A bravura e altivez do padre Feijó, ao por-de-sol de sua existência; quando da revolução de 1842



A casa em que, em 1842, foi preso o padre Feijó, em Itú. O prédio já não existe, tendo sido demolido há quinze anos.

Foi no ano de 1842. Os conservadores estavam trepados no poder, enquanto os liberais, na oposição, praticavam toda sorte de turras políticas. Haviam chegado ao cumulo de pregar abertamente a desobediência às novas leis e decretos promulgados. O governo, então, não teve dúvidas, com a faca e o queijo na mão, dissolveu, a 1 de maio, a Câmara dos Deputados: o bastante para que os liberais acendessem o estúpido da bomba revolucionária.

E, a 17 de maio, daquele mesmo ano, Sorocaba, entre festas ruidosas, aclamava presidente interino da Província de São Paulo o brigadeiro Raphael Tobias de Agular.

A esse tempo, apesar de aquebrado em sua saúde, avançado de anos, mas com o animo alevantado por uma energia ferrea e combativa, o padre Diogo Antonio Feijó, que, então, residia em Campinas, não vacilou em transportar-se para aquela cidade, sede do novo governo, afim de lutar também ao seu lado. All, ao chegar, lançou aos quatro ventos a seguinte e impetuosa proclamação: "Apenas sube eu em Campinas às 10 horas da noite, que nesta cidade se havia aclamado um Presidente Paulista, e que este era o Sr. Tobias, cobrou a minha alma algum alento, e persuadi-me que a Província ia recobrar seu antigo renome, que brevemente os Mandões, conhecendo que com Paulistas não se brinca, se retirarão do Conselho de S.M.I. e darão lugar a que ele livremente escolhesse um Ministerio amigo da Constituição e que soubesse como se governa homens livres. Del providencias; o de amanhã não obstante o meu habitual estado de enfermidade, pusme a caminho e cheguei a esta cidade de Sorocaba com tres dias de viagem. A minha gratidão será eterna a todos os Sorocabanos; e jamais deixarei de lembrar-me que aqui foi onde se deu o primeiro grito de convito a Província, para despertar de tanto torpor e de tratarmos de segurar nossas liberdades; enxime de en-

tusiasmo observando o valor, a coragem e o desejo que todos mostravam em dispor-se aos perigos para libertar a Capital do jugo desse Presidente Baiano que tanto nos tem oprimido e sem razão; deliberei ajudar tão honrosa tarefa quanto em mim estivesse; e como nada posso senão exprimindo meus patricios tudo quanto julgar que lhes convem para perpetuar a gloria da Província. Talvez pouco me resta de vida, mas esse pouco voluntariamente sacrificarei pela patria a quem tudo devo. Sorocaba, 22 de maio de 1842. (a) Feijó."

Depois se meteu elle de corpo e alma a dirigir "O Paulista", jornal que fundou, como órgão do novo governo.

Sabedores os poderes centrais desse levante, enviaram o barão de Caxias para São Paulo, comandando um corpo de tropa de linha, afim de dominar o movimento e pacificar a Província.

A 19 de junho, Caxias entrava em Sorocaba. A cidade estava deserta. Todos tinham fugido. O unico que permanecia, impavidamente, no seu posto era o padre Diogo Feijó.

Eis como Candido José da Motta, testemunha ocular, descreveu ao historiador Francisco Nardy Filho, o panico que causou em Sorocaba a noticia da aproximação das tropas de Caxias: "Foi um dia de juizo!

Mulheres de familias, velhos, moças até crianças com trouxas às costas, homens a pé e a cavalos, muitos levando outros na garupa, tudo fugindo da cidade sem olhar para trás. Que tristeza; no meio de toda essa desgraça, um padre velho, doente, pregado numa janella, vendo tudo, ria, ria a mais não poder, e de repente, pôe-se a gritar: Correia, correi,

sem vergonhas, e continuava a rir outra vez."

Caxias, depois de aquartelada a tropa que comandava, fazendo-se acompanhar do seu ajudante de ordens, encaminhou-se para a casa de Feijó.

Na sua frente, appareceu, a caminhar tropeçadamente, a figura varcnil do velho sacerdote, que tão alto subira na escala politica do seu pais, occupando os postos mais des-acados, e agora ali surgia, doente, no ultimo quartel da vida, embora sempre lutador, mas, vencido, naquella derradeira batalha na sua terra, que tanto extremecia.

O barão comoveu-se sobremodo, e não procurou esconder a sua emoção.

Feijó, sempre activo, mesmo na derrota, quasi sem poder andar, devido a uma paralisia que lhe manietava uma das pernas, recebeu Caxias com destemor; e entre os dois se estabeleceu o seguinte dialogo:

— Só o dever de soldado me impõe o doloroso dever de vir prender o senhor senador Feijó, um dos chefes do movimento revolucionario. Convido-o a acompanhar-me, falou Caxias.
— Quer V. Ex. dar providencias, ou levar alguns objectos ao Quartel General onde tudo falta? — indagou o barão.

— De nada preciso, basta-me uma esteira. Que instruções recebeu V. Ex., senhor general, contra os rebeldes de São Paulo? inquiriu, curioso, o intimerato ancão.

— As mesmas que V. Ex. me dera, senhor senador, quando ministro da Justiça, em 1831: Levar tudo a ferro e fogo!"

Dias depois, Feijó e outros liberais de Sorocaba eram transportados, sob escoltas para a vizinha cidade de Itú.

Caxias seguiu-os, acompanhado das forças, estabelecendo seu Quartel General na casa da rua da Palma (actualmente rua dos Andradas), esquina do largo do Parrocínio (hoje praça Regente Feijó), segundo a informação fidedigna do historiador Nardy Filho.

All foram alojados também os presos. Como, porém, estavam sob palavra, andavam livremente dentro de casa, sem

Edm

qualquer coação, comunicando-se a rua. Ao redor do prédio, todavia, um contingente armado montava guarda.

Caxias lançou, então, varias proclamações, concitando os rebeldes ituanos a entregarem suas armas, em troca do perdão que lhes seria concedido. E começou o desfile perante o barão dos que o procuravam para depo-las.

Assistia Feijó, de uma feita, conforme nos conta Nardy Filho, a uma dessas cenas, quando não se conteve em sua revolta, e disparou: "Se era para procederdes de modo que agora procedis, entregando vossas armas sem que delas soubesseis vos utilisar, melhor fóra que não vos tivesse armado." E meneou a cabeça, melancolicamente.

O velho acerdote, apesar das suas imunidades parlamentares, foi conservado preso, sendo de Itú levado para Santos, de Santos para o Rio e do Rio para Vitoria.

Apresentaram contra ele denuncia ao Senado, do que soube defender-se, galhardamente, obtendo absolvição.

Em 10 de novembro de 1849, no ano seguinte, o padre Diogo Antonio Feijó, entregava sua alma ao Creador.

Fôra aquele o ultimo lance dramático da sua vida politica, agitada e gloriosa.



1843

(Original de RAIMUNDO DE MENEZES)

Cam

A morte de

REVISTA DA SEMANA

10 de Novembro de 1923

Feijó

C 10 NOVEMBRO 1843

NO Rio de Janeiro de 18 de Novembro de 1843 os leitores do *Jornal do Commercio* puderam lêr, nas columnas da já famosa gazeta, a seguinte noticia breve:

«O Sr. Diogo Antonio Feijó, senador do Imperio pela provincia do Rio de Janeiro, ex-ministro da justiça e ex-regente, falleceu na cidade de S. Paulo.»

Maior hoje o necrologio de continuos de secretaria.

O governo do paiz tivera noticia do obito com a mesma concisão:

«Illmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra de participar a V. Exc. que no dia 10 do corrente falleceu nesta cidade o Exmo. Diogo Antonio Feijó, senador pela provincia do Rio de Janeiro, cujo corpo foi sepultado na Igreja do Carmo no dia 15 do mesmo: Deus Guarde a V. Exa. — Palacio do Governo de São Paulo, 16 de Novembro de 1843. — Illmo. e Exmo. Snr. José Antonio da Silva Maia, Ministro e Secretário d'Estado dos Negocios do Imperio. — Joaquim José Luiz de Souza.»

Modersta casa da rua da Freira, esquina do largo de S. Francisco, recolhera o ultimo suspiro do peito heroico do maior padre da historia patria.

Sagrara-o Deus, d'ella um dos homens magnos.

Beirava sessenta annos. Um assento da Sé paulista rezava:

«Aos 17 de Agosto de 1784, nesta Sé baptizei e puz os Santos Olcos a Diogo, filho de paes incognitos, exposto em casa do révmo. Fernando Lopes de Camargo, o mesmo foi padrinho e Maria Gertrudes de Camargo, viuva, todos desta freguezia, de que para constar fiz este assento, que assigno. — José Joaquim da Silva.»

Entre solidões, a do berço, n'um patamar; a do tumulo, no limiar da Historia, Feijó soubéra pôr a agitação de vida cheia de sucessos e adversarios.

Quando o barão de Caxias o foi prender, em Sorocaba, implicado na revolta paulista de 1842, Feijó era semi-vida.

Paralytico, quatro praças o conduziram, em cadeira de braços, ao estado-maior do general victorioso, seu subordinado em 1831, no esmagar revoltosos na Regencia.

A existencia é gangorra, jamais quieta para os grandes. Em 1831 Feijó estava no alto da prancha, em 1843 no sólo. A's vezes mais vale a segunda posição do que a primeira.

Detido levaram-o para S. Paulo. Desceram com elle serra do Cubatão. Subiram-o para bordo do vapor de guerra *Amelia* em aguas de Santos. Passou sem desembarque pelo Rio, chegou a Victoria.

Vieo por fim ao Senado, defender-se. Pedio para fallar sentado. Sustentavam-o coração e cerebro.

Fallou, teve palavras de gloria em labios moribundos.

«Estou pois, entregue ao Senado; faça elle de mim o que quizer; a vida em mim será pouca...»

Processaram-o, com as lentidões da justiça quando emfalgemas da politica. Ameaçaram-o duas sentenças, a dos homens com vagar, a da morte com pressa.

Em Julho de 1843, um amigo, um d'esses estupendos amigos das más horas e por isso mesmo rarissimos, o senador Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, visitava-o, em S. Domingos de Nitheroy.

Informava o Senado do «estado aterrador» do collega, victima de «continuas e mortificadoras faltas de respiração, lutando com as ancias da morte».

Indignava-se Costa Ferreira com a morosidade do processo, de certo influido para môr agonia de paciente.

«V. Excia. sabe — dizia Costa Ferreira ao presidente do Senado — que quando os nossos corpos estão fracos a nossa imaginação exalta-se, porque a nossa alma é um hospede muito melindroso, quér sempre habitar uma casa bem mobiliada e todas as vezes que o nosso corpo soffre ella tambem se resente.»

Quatro mezes depois Diogo Antonio Feijó cessava existencia.

O ultimo favor dos semelhantes, ás vezes connosco tão pouco parecidos, era levar-o á cova, que o discreto estimaria morrer já perto d'ella para evitar ainda contactos.

Principiava para elle juízo duplo; o de Deus, no appello á eternidade; o da Historia, no agravo aos posteros das injustiças coevas.

Findava o martyrio physico do antigo regente, oriundo do tabes, da hemiplegia esquerda e da paraplegia dos membros inferiores.

Exhalou ultimo alento, entre as solitudes da familia Pathares de Camargo e de alguns amigos, pelas onze horas da noite de 10 de Novembro de 1843.

Lê-se, em biographos e ephemeridistas, a data de 9 de Novembro de 1843 como a do obito de Feijó. O termo de abertura do testamento d'elle assignala porém 10 de Novembro, dia confirmado na «Carta que a Veneravel Ordem Terceira do Car-



DIOGO ANTONIO FEIJÓ
Retrato a «gouache» pintado em 1835 na posição em que o grande regente escrevia o seu testamento.

Can

(continua)



mo dirigiu á da Côrte do Rio de Janeiro de terem fallecido os irmaons exmo. Senador Diogo Antonio Feijó e o padre Joaquim Manoel de Oliveira e Castro.»

A 11 de Novembro o cadaver de Feijó é embalsamado «pelo systema egypciano». O coração foi entregue a Antonio Benedicto Palhares de Camargo ; os olhos, segundo constou, couberam ao brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

Dizia Feijó, no testamento: «quero ser enterrado sem acompanhamento, nem officio, de leba sómente».

Teve vontade satisfeita, ás avessas. Funeracs de pompa, gente vinda de mais de vinte leguas de distancia para assistir-lhes, discurso de lucto, continencias de tropa de todas as armas ao grã-cruz do Cruzeiro, tudo isso deram a Feijó, posto em sepultura junto ao altar do Senhor dos Passos.

Ahi dormio sem ruido até 1851. N'este anno Palhares de Camargo dirigio-se ao ministro da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia pedindo a construcção de um mausolé, na necropole da Ordem, para os restos de Feijó.

Trasladaram-os sem apparatus, em mysterioso tal que

volvidos os annos por ultimo ninguém mais soube com certeza onde descansava Feijó.

Em Outubro de 1917, no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, o sr. Affonso de Freitas propoz diligencias para achar os despojos do admiravel paulista de 1831. O sr. Affonso de Freitas não se limitou a propôr: trabalhou, com outros dignos companheiros. A resenha das suas pesquisas ou antes o elogio da sua constancia vale a pena ser lido e considerado documento do poder da vontade.

Pessoas contemporaneas da trasladação foram interrogadas, archivos varejados, folhetos da época relidos. Um d'elles da autoria do conego Geraldo Leite Bastos, intimo de Feijó, affirmava que o cadaver embalsamado de Feijó deveria ser encontrado em caixão de chumbo tendo ao lado redoma de vidro com o coração de tanto Brasil.

A filha de Antonio Palhares, viva em 1917, affirmava que o pae devolvera o

legado de tal coração antes de 1854, lembrando-se ella de ter visto no gabinete de trabalho paterno um objecto de forma mais ou menos cylindrica, altura de dois palmos, diametro menor, envolvido em panno de velludo preto, dizerdo-lhe invariavelmente pessoas de familia que alli se achava guardado o coração de Feijó.

Com autorisação do arcebispo de S. Paulo, penetraram nos jazigos da Ordem de S. Francisco. Abriam-se varias carneiras, desceram-se differentes urnas e chegou-se á conclusão que Feijó não estava sepultado nos jazigos da direita.

Examinaram-se os depositos mortuarios da esquerda. Perfurou-se muito. Sobre duas carneiras encontraram massa de alvenaria sem estylo, com vago aspecto de capella. Seria ahi? Perfurou-se de novo e depois de muito labutar appareceram quatro exemplares, formando rolete, dos discursos de lucto do padre Camargo nas exequias de corpo presente. D'ahi a pouco nova descoberta, o recipiente de vidro coberto de velludo, o recipiente do grande coração, finalmente um caixão de chumbo.

Pararam. No dia seguinte abrio-se o esqueife. Continha cadaver de adulto, embalsamado, revestido de paramentos sacerdotaes completos. A perna esquerda mostrava sensivel desvio. O pé direito apresentava torção forte. A paralyasia, o tabes ainda. Medições, diametros craneanos, mostrando a brachycephalia de Feijó, as mais concludentes e irrefutaveis provas de identificação foram registradas.

A commissão, da qual fôra alma Affonso de Freitas, podia ser laureada. Devem-lhe agradecimentos quantos não considerem o Brasil vaga expressão geographica onde positivamente se ganhe só dinheiro.

A resenha dos seus trabalhos, em opusculo de quarenta paginas, vale por livros sem prestimo e sem leitores.

Dous volumes de Eugenio Egas, em 1912, já haviam erguido homenagem á vida, aos serviços do antigo regente, d'aquelle que poderia ter errado mas que tantas vezes acertou. Taes verbos na vida social e particularmente na politica não costumam realisar o proposito de quem pesa: obter equilibrio.

Hoje Feijó tem estatua na terra natal. E' ahi para sempre o que nos foi em 1831: bronze.

Escragmole Dorval

DM

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Nasceu em São Paulo, em 19.8.1784 e morreu na mesma cidade, a 10.11.1843 estando sepultado na cripta da Catedral Metropolitana de São Paulo. Criado e educado pelos seus padrinhos de batismo e de crisma, respectivamente, os padres Fernando Lopes de Camargo e João Gonçalves de Lima. Seguiu a carreira eclesiástica. Subdiácono em 1808 e presbítero em 1809. Em Campinas, onde residiu, foi o primeiro mestre escola, recenseado em 1804. Morou depois em Itu, lecionando filosofia como componente do afamado Grupo dos Padres do Patrocínio. Mais tarde residiu novamente em Campinas, onde foi senhor de engenho. Político notável. Deputado por São Paulo às Cortes de Lisboa (1821), deputado provincial paulista, deputado por São Paulo à Assembléia Geral, ministro da Justiça da Regência Permanente Trina (1831-32) senador do Império e Regente do Império (1835-37), governando o país com austeridade e autoridade. Voltou a morar em Campinas, sendo depois um dos chefes da Revolução Luterana de 1842. Publicou "o Retrato do Homem de Honra e Verdadeiro Sábio". Foi na grã-cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Placa = Placa de bronze colocada na fachada da casa onde residiu Feijó, na rua Regente Feijó nº 1201, hoje demolida. Encontra-se a placa provisoriamente depositada no Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas.

S. P. M. Prof. E. M. Zink

Maio, 1942

Documentário de Campinas



34

"Padre Diogo Antonio Feijó, por

mercê de Deus — paulista!"

A GAZETA F. 10.11.1843
de 20.7.57

R. 17.8.1784 BAT.

IDIBAL ALMEIDA PIVETTA



Inumeros são os vultos da nossa historia que lentamente vão diluindo-se na voracidade do esquecimento, em que postêros desleixosos, injustos ou facciosos os atiraram.

Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio, é um exemplo frisante desse menoscabo, que infelizmente vai se tornando norma com relação a determinadas personalidades historicas.

Desde os corriqueiros compendios escolares, até os mais vetustos trabalhos de renomados autores, sente-se uma mentalidade "bitolada" orientando essa ingloria tarefa de desmerecimento.

Homem integro, honesto, cumpridor da palavra empenhada, democrata na acepção lata do termo, Feijó foi, no conturbado periodo regencial, o consolidador da ordem e do regime. Sua figura viril merece, por todos os titulos, ser colocada em plano, sinão superior, ao menos igual aos grandes vultos da nacionalidade.

Naquele ambiente febril em que palavra no ar o espectro do descontentamento popular, em que revoltas e sedições eram intercaladas por dias e às vezes por horas, o "banão" regencial de 4 de julho de 1831, nomeando o Padre Diogo Feijó para ministro da Justiça, veio aumentar a confusão reinante.

Grupos de curiosos formavam-se ao redor dos editais afixados nas paredes da Quinta de S. Cristóvão e do Largo do Rocio. Os "caramurus", ou restauradores, com a sempre-viva à lapela e seu "chapeu de palha" espetado na cabeça, manifestavam-se ferozmente contra esse ato da fragil Regencia. Os "jurujubas" ou republicanos, assim chamados, porque a 7 de abril haviam-se reunido na Praia de Jurujuba, faziam coro aos protestos de seus adversarios da vespera. Os "chimangos", que occultavam sua facção liberal, não escondiam sua satisfação por essa medida de Lima e Silva e seus companheiros de Governo. Outros, uns poucos talvez, nem conheciam o novo Ministro que, pretenciosamente, fizera exigencias, impusera à Regencia certas clausulas para assumir o cargo.

— Mas afinal, quem é esse Padre Feijó?

"Fruto rolado de encosta bravia, não se sabe a arvore de que proveio". Segundo o genealogista Francisco Nacaró, seriam seus pais o Pe. Manoel da Cruz Lima e Da. Maria Joaquina de Camargo, possuindo mesmo sua ascendencia personagens de grande destaque na Vila de São Paulo de Piratininga, como o sertanista Manoel Preto, morto nas Reduções jesuíticas de Guairá, "com muy buenas flexadas que lo dieram los indios contra los quienne yva...".

Jogado de cidade em cidade, amecado constantemente pela pobreza, abrigado quasi que sempre às escondidas por parentes que hesitavam entre a vergonha de auxiliá-lo e o dever indeclinavel do sangue, essa foi a infancia do pequeno Diogo. O proprio nome "Feijó", recebeu-o como uma esmola, dada

por uma tia materna, que o fôra buscar de seu marido, o português Miguel Feijó, já morto e que não poderia protestar.

A epoca poucas oportunidades oferecia aos habitantes da Colonia; o exercicio das armas e a carreira eclesiastica eram os unicos caminhos que se abriam à juventude. Devido às suas obscuras origens, apenas a Igreja estava de portas abertas para o "enfeitadinho da rua da Freira". Aos dezessete anos já é "Clerigo in minoribus", destacando-se como aluno do prof. Estanislau de Oliveira, o velho e popular mestre "Gica Retorica", que nele via um grande talento.

Graças aos esforços de seu tio o Pe. João Gonçalves, antigo vigário de Guarã, recebe as ordens de sub-diacono, depois de um trabalhoso processo de "genere et moribus", que transitou lentamente pela administração eclesiastica, desconfiada daquele seu futuro servidor que nem nome possuia...

Os primeiros tempos após a ordenação foram dificeis para o jovem padre. Transferiu-se para S. Carlos (hoje Campinas) onde conseguia manter-se, ganhando alguns tostões, dando aulas de latim e retorica. Em 1807, sabemos pelo recenseamento então realizado, que o "Revmo. Pe. Antonio Feijó, natural da cidade (sic), 24 anos — Escravo Agostinho, 15 anos — Vivem de esmolas".

Com o correr dos anos foi lentamente melhorando economicamente, chegando a estabelecer-se num pequeno sitio, onde produzia para venda: arroz, feijão, milho, alem de possuir uma minuscula olaria fornecedora de tijolos para quasi toda a vila.

Numa de suas viagens a Itu conheceu o padre Jesuino do Monte Carmelo, que exerceu profunda influencia sobre ele, fazendo até com que se transferisse para aquela cidade.

Jesuino do Monte Carmelo foi, de fato, um padre original. Santista de nascimento, mulato pela cor e manso de coração, era um pequeno Leonardo provinciano. Fazia de tudo o Pe. Jesuino. Era pintor, escultor, musico, escritor e marceneiro...

Sua parouquia, a Igreja do Patrocinio, tornou-se um verdadeiro foco de idéas revolucionarias, tanto no campo politico como no religioso. Formou-se uma "Comunidade Reformista do Patrocinio", da qual participavam Feijó, Monte Carmelo, Arcanjo Ribeiro, João Xavier e outros...

Uma profunda amizade uniu os dois padres que se completavam inteiramente; um todo docura, afabilidade, o santista; outro, todo firmeza, coragem, o paulistano.

A morte de Monte Carmelo abala profundamente Feijó, que, em seu necrologio, deixa se dominar por uma explosão incontida de revolta: "O impio, o malvado, vive; e o Pe. Jesuino, morre! Providencia de meu Deus, eu vos adoro!".

Da pequena sociedade semi-revolucionaria e teorica de Itu, à ativa atuação na politica foi um passo que o jovem clerigo deu sem aperceber-se...

Designação dada em 03-06-1871



PRIMÓRDIOS DO ENSINO EM CAMPINAS

Como era o ensino em Campinas há dois séculos? Que professores lecionavam aqui? Que livros eram adotados? Quando em 1759 os jesuitas foram expulsos do Brasil, houve um período de desorganização no ensino brasileiro, que durou mais ou menos meio século. Na época aqui era apenas uma sesmaria com grupos isolados de tropeiros e povoadores rurais, despreocupados das questões de ensino. Mas, já em 1803 na Vila de São Carlos começaram a se instalar os primeiros engenhos de açúcar.

Sabem quem foi o primeiro professor em Campinas, que era apenas a Vila de São Carlos? Um jovem subdiácono de dezoito anos, Diogo Antônio Feijó, que manteve "escola de ler, escrever e contar" e latimidade. Deveria ganhar muito pouco porque quase chegou a abandonar suas aulas, e sair da Vila. Mas os Vereadores locais representaram ao Governador da Capitania, pedindo a nomeação de Feijó para "Mestre Régio", representação que não mereceu a honra de um despacho, segundo Lourenço Filho.

Mas Feijó ficou tão sensibilizado que resolveu permanecer na Vila, e só mais tarde foi para S. Paulo; em 1812 voltou lecionando francês, ciências e lógica, até 1818, quando partiu para Itu como professor do Colégio dos Padres do Patrocínio.

Foram mestres aqui Custódio Luis Afonso e o português Antonio José Carvalho Guimarães (1812). Mas já na época os professores eram mal pagos. Aliás, pagavam os alunos, e só os que podiam.

Logo mais, veio o tempo das Aulas Régias, sendo o primeiro mestre régio da Vila, o Padre Bernardo José da Silva, ituano. Criou-se uma cadeira de primeiras le-

tras, e a indicação do professor foi feita pelo Bispo de São Paulo.

Surgiu assim a instrução pública e mestre "Custódio Manco". — Custódio José Inácio Rodrigues — deu curso de "ler, escrever e contar". Os livros eram poucos: "A Cartilha da Doutrina Cristã", e "Um Homem Honrado". Quando a criança "cantava" a tabuada suas vizinhas eram ouvidas à distância.

Mas em 1845, embora houvesse muita criança analfabeta, já funcionavam dois grupos escolares, dirigidos por Cristiano Wolkart e Pedro Th: Paulo de Oliveira, mestres bem considerados. A Câmara não descurava do ensino e havia verbas para suprir as despesas. Mas quanto à disciplina, vigoravam a palmatória e as varas de marmelo.

As mais antigas escolas particulares, de que se tem notícia nesta Vila de São Carlos, entre 1830 e 1838, foram a Escola de Música de Manuel Francisco Monteiro (A Vila já tinha músicos desde 1812); a Escola da "Ponte do Atibaia", onde o professor usava tanto a palmatória, que os alunos, certo dia a roubaram, jogando-a no rio; a escola de Francisco de Paula Vilarinho, onde se pagavam duas patacas, por aluno, por mês; a escola de "Dona Nhazinha" (Maria Bibiano do Carmo); a do prof. Joaquim Melo, e a mais importante, do mestre Luiz de França Camargo, onde estudaram futuros bacharéis.

O ensino médio ensaiava seus passos na Vila. Sacerdotes vindos de fora, geralmente de Itu, eram mestres particulares de rapazes abastados. Mas a maioria destes alunos ia estudar fora em internatos particulares.

(Recorte extraído do jornal "Correio Popular" de 25-novembro-1977, da secção "Educação e Ensino")

BENEMERITOS DE CAMPINAS

PADRE FEIJÓ-



A «Necrologia» refere que, em Campinas, o padre Feijó estabeleceu aulas de latim e de rhetorica, usando compendios de sua composição, com notavel aproveitamento dos alumnos. Não se encontraram ainda essas reliquias da actividade intellectual do regente.

E' possivel que algum antigo discipulo de Feijó conservasse as apostillas do mestre, que em Campinas leccionou humanidades, antes de 1818. A «Necrologia» colloca a producção da gramma-tica latina antes de 1807, e a composiçáo do texto de rhetorica entre 1810 e 1818.

Em Itú. A residencia de Feijó em Itú era, de accôrdo com: o opusculo de Mello Moraes, com os padres do Patrocinio, cuja intolerancia foi reduzida pelo grande liberal, que lhes moderou a doutrina, «fazendo-lhes conhecer as doçuras da linguagem evangelica.» A producção do compendio de philosophia Kantiana, como o notam todos os biographos, pertence a esse periodo.

Q&W

RUA REGENTE FEIJÓ

DIA 9 DE NOVEMBRO

1843 No predio n. 9 da antiga rua da Freira, hoje Regente Feijó, nesta capital de São Paulo, morre o padre Diogo Antonio Feijó, nascido em 9 de agosto de 1784. De pais desconhecidos, pois foi abandonado recém-nascido à porta de uma residencia da rua que hoje tem seu nome, recebeu Feijó esmerada educação e foi professor de latim, retorica e filosofia. Em sua carreira politica, foi deputado, senador, ministro da Justiça e regente do Imperio. Em 1842 tomou parte, com o brigadeiro Tobias, na revolução paulista, sendo preso pelo Duque de Caxias. De suas invulgares qualidades de carater, escreveu Washington Luis: "dotado de inteligencia lucida, de carater integro, de vontade robusta e fogosa, sabendo principalmente mandar, inflexivel, indomavel, não conheceu transações nem condescendencias e prosseguiu sempre com tenacidade, até o sacrificio, naquilo que entendeu ser o cumprimento do dever".

